Ano 22.º Sabado, 9 de Novembro de 1929 (AVENÇADO) N.º 1.100

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

COMPOSIÇÃO E IMPRESSAO
Tip. LUSITANIA
R. Eça de Queiroz, n.º 3—AVEIRO

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

Dr. Antonio José de Almeida

Aquele castelo invencivel onde sempre se agitou, como um lábaro, a bandeira verde-rubra da Republica, caíu, por fim, em poder da Morte!...

Viva a Republica!

O cavaleiro medieval, armado de ponto em branco, banhado pela luz poética da imagem querida, valente até á temeridade, intemerato até ao heroismo, arrojado até á loucura, afrontando impávido a morte certa, o coração cativo do amor, a alma presa ao voto de vencer ou morrer que fizera de joelhos perante a virgem bem amada; o martir da epopeia gloriosa do Cristianismo antigo, ajoelhado no Circo-Maximo da Roma feroz dos Cézares, o olhar banhado pela luz da sua crença imortal, a fronte serena, a voz suavissima entoando o cantico sagrado, sem vêr, sem pressentir, a uns passos apenas o hábito de fogo, as fauces fumegantes da fera temivel das selvas africanas farejando-lhe o sangue quente em convulsões de gula insatisfeita, nem ainda o ulular da multidão feroz, anciosa por contemplar a ultima convulsão do agonisante nas garras do leão esfaimado; a mulher na fase divina da sua existencia—*Mãe*—contemplando extatica o filhinho adormecido ao seio, não dando conta, sequer, de que existe, porque toda a sua vida lhe foge em caudal sereno dos seus olhos eternamente fitos no entesinho bemdito que lhe palpitou no ventre, que lhe adormeceu no seio... o amor humano gerando herois atravez dos seculos, o amor divino criando os martires da epopeia do Cristianismo, a quinta essencia do amor—a imagem bendita da alma de *Mãe*—estes tres afectos reunidos, elevados á máxima intensidade possivel do sentimento humano, e tendo um unico objectivo—a libertação de uma patria pela luz divina, imortal da Liberdade—resumem tudo quanto sentiu, amou e quiz a alma sublime de Antonio José de Almeida, que a morte acaba de colher no seu abraço potente!

Cubra-se de eternos crepes a bandeira da Liberdade, que o seu campeão morreu! Vista-se de eterno luto, afogue-se em pranto a Alma Nacional—a eterna vitima da eterna mentira humana—que o seu paladino caíu, e a nossa geração não tem quem vá ocupar-lhe o logar!

* * *

Parece-nos assistir ao desenrolar de uma pavorosa scena de pesadelo, e, contudo, ante nós a terrivel realidade se escancára: Antonio José de Almeida morreu! Como póde a eterna e voraz ceifeira lançar por terra o legendário heroi?!...

Como nos sentimos apenas sombras ante o seu poder omnipotente!

Ainda vibram na nossa alma as palavras imortais do heroi sublime. Naquela sessão memoravel de 20 de novembro de 1906 praticara-se um verdadeiro crime. Os deputados do Povo, os homens que tinham a seu cargo o poder inviolavel de fazer ou revogar a Lei, gosando imunidades superiores ás de qualquer soberano de qualquer país constitucional, consentiram que dois deles fossem expulsos á coronhada, do seio da Representação Nacional pelos legionarios assalariados do Despotismo ás ordens do torvo heroi do consulado franquista. Alexandre Braga e Afonso Costa, delegados do Povo á Assembleia Nacional, foram dali arrastados pelos inconscientes pretorianos de D. Carlos. Antonio José de Almeida, de pé, mal podendo crer o que os seus olhos vêem, estende os braços potentes para a presidencia interdita, e todo o rumor cessou! E perante o quasi pavor daquela assembleia de bárbaros, a sua eloquencia vibra como um clarim, estala como um chicóte potente sobre a cara patibular do déspota que está maquinando o patíbulo de D. Carlos I:

Pode V. Ex.ª, sr. presidente, descer as escadas da sua cátedra e vir até aqui ensopar no meu sangue o pincel brigantino para, com ele, ilustrar a obra liberticida do governo. O direito será mais uma vez ultrajado, mas a justiça eterna, mais do que nunca, levantará para o alto, nesse dia, a face imperturbavel e luminosa. Tenho uma bandeira entregue á minha defeza. Foi o meu partido que carinhosa e entusiasticamente, ma confiou. Não cairá por terra por cansaço ou descuido das minhas mãos! Quem quizer leva-la hade cortar-me os pulsos. Daqui para fóra sò manietado ou morto!

E ninguem lhe tocou!

* * *

Não sei se Antonio José de Almeida foi um estadista, nem é meu fim avaliar a sua obra dentro da Republica. Apenas pretendo, neste ano fatidico para os herois da propaganda republicana, assinalar aquela vaga, donde a morte o arrebatou, que, por muitos anos, quem sabe se para sempre, por mais ninguem será preenchida. O que nós perdemos foi o poeta sublime da Liberdade humana, a alma previlegiada onde nenhum odio encontrou guarida, por que todo ele era amor por esse principio divino da Liberdade dos cidadãos, da Igualdade perante a Lei, da Fraternidade universal!

* * *

Génio Sublime da minha Patria amada: pousa o teu olhar fulgurante no heroi caído! Aí tens materia-prima para as tuas maravilhas!

Democratas portugueses: silencio e joelho em terra, que Antonio José de Almeida—morreu!

A. Roque Ferreira
Medico

Dr. Antonio José de Almeida

Algumas das mais importantes notas biográficas do saudosissimo republicano

O dr. Antonio José de Almeida era filho de José Antonio de Almeida e D. Maria Rita das Neves Almeida, gente humilde, tendo nascido em 18 de julho de 1866 na pequena povoação chamada Vale da Vinha, concelho de Penacova. Contava, portanto, 63 anos de idade.

Depois de concluir os preparatorios liceais entrou na Universidade de Coimbra em 1890, onde começou a evidenciar-se por não concordar com os processos de ensino então em uso e que o levou a estabelecer polemicas com os lentes. Aluno distintissimo da Faculdade de Medicina apenas o 1892 perdeu em virtude de ter redigido um manifesto contra o ministerio Dias Ferreira, não acatando a sua resolução quanto á gréve academica originada na obrigação dos estudantes requererem abonação das faltas.

Data a sua formatura do ano de 1895, sendo o primeiro premiado do curso, não obstante as questões mantidas com os lentes de que resultou a publicação do livro *Desafronta*, cujo exito ultrapassou tudo quanto imaginar se possa. Depois foi exercer clinica para S. Tomé, Africa Ocidental, onde em março de 1902 fundou uma associação para repatriação de europeus necessitados e respectiva assistencia medica e hospitalar a que poz o titulo de *Pró-Patria*, auxiliando esta instituição, scientifica e financeiramente, para todos os pobres.

De volta, em 1903, esteve em Paris até 1904, depois do que fixou em Lisboa a sua residencia.

* * *

Republicano, como foi sempre conhecido, Antonio José de Almeida fundou em 1890 o jornal *Ultimatum*, que via a luz da publicidade em Coimbra ao mesmo tempo que no Porto saía *O Rebate* e em Lisboa *A Patria*, de que possuimos a colecção quasi completa. Eram estes tres jornais escritos com extraordinaria violencia, pelo que o fogoso jornalista sofreu a condenação de 3 mezes de cadeia. Por esse motivo ha agitação em todo o país e em Coimbra a geração academica do seu tempo abraça a *nova ideia* e, consagrando o seu companheiro de estudo, sustenta conflitos gráves com as autoridades.

Entrando na Camara dos Deputados em 1906 como inimigo declarado das instituições, depois de ter sido afastado com as *chapeladas* do Peral e Azambuja, a sua atitude na memoravel sessão de 20 de novembro desse ano, quando foram expulsos os drs. Alexandre Braga e Afonso Costa, criou-lhe uma aura de simpatia ainda maior. Antonio José de Almeida declarou, então, que se lhe chegasse a vez a ele, lutaria contra a força armada, acrescentando, cheio de indignação, que só manietado ou morto sairia do seu logar.

A-pezar-da violencia com que combatia a monarquia, poupava sempre, leal e bondosamente, as pessoas reaes, o que algumas inimisades lhe acarretou nos meios exaltados.

Concorreu para a reforma do Partido Republicano em 1880 e colaborou na Lei Organica do mesmo.

Em 1907 foi novamente preso por estar comprometido no abortado movimento de 28 de Janeiro, para o qual se celebráram reuniões nos seus consultorios das ruas do Ouro e Alecrim.

Novamente eleito deputado em 1910, não chegou, porêm, a ocupar a sua cadeira devido ao triunfo do movimento de 5 de Outubro.

Manejando a pena com certa facilidade, escreveu varias obras e em quasi todos os jornais combativos do tempo da propaganda se encontra colaboração. sua Antes do advento da Republica dirigia o panfleto *Alma Nacional* que em toda a parte era lido com o maior interesse. Foi um dos melhores elementos do *comité* revolucionario e após o advento das novas instituições sobraçou a pasta do Interior no Governo Provisorio.

Como ministro a sua primeira acção consistiu em percorrer as ruas

da capital aconselhando os revolucionarios a não exercerem violencias e a respeitar os vencidos. São dele as proclamações que as circunstancias determinaram como dele são alguns dos principais decretos reformistas impostos pela revolução.

Por divergencias com Afonso Costa, fundou o Partido Evolucionista, que teve por orgão na imprensa o diario *Republica*, onde o seu antigo correligionario sofreu duros ataques.

Quando rebentou o conflito europeu colocou-se imediatamente ao lado dos aliados, pelo que a Alemanha, ao declarar-nos guerra, em 1916, apresentou como uma das ofensas recebidas os discursos de Antonio José de Almeida.

Ao assumir, então, as responsabilidades que de aí lhe vieram sacrificou lutas pessoais e politicas, reatando com Afonso Costa os antigos laços de amisade e deixando que parte do seu partido fosse engrossar o Partido Democratico para maior unidade nacional. Foi nessa altura que nasceu a *União Sagrada* a cujo ministerio presidiu, gerindo ao mesmo tempo a pasta das Colonias.

Eleito presidente da Republica em 6 de agosto de 1919 completou o quadraenio em 5 de Outubro de 1923, sendo, até hoje, o unico chefe de Estado que se manteve os quatro anos nesse logar. Durante o seu mandato recebeu Epitacio Pessoa, presidente do Brasil; Marcelo Alvear, presidente da Argentina e Alberto I, rei dos belgas. Os sucessos de 19 de outubro deramlhe o maior desgosto de toda a sua agitada vida politica, mas restabelecida a ordem poude o dr. Antonio José de Almeida aquilatar o quanto era respeitado em todo o país ante a grandiosidade da manifestação de que fôra alvo e á qual compareceram todas as camaras com os respectivos estandartes.

A gloriosa viagem aerea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral ao Brasil, em março de 1922, que Antonio José de Almeida impulsionou, é um dos factos mais notaveis da sua chefia da nação, como notavel se deve considerar tambem a visita que depois fez á florescente nação sul-americana e cujo alcance politico foi a finalidade da aproximação luso-brasileira iniciada pelos referidos aviadores.

Depois surgiu a doença que deu origem ao afastamento do eminente republicano de tudo quanto atraia a sua actividade de homem robusto e de expediente.

Tendo casado após o advento da Republica com a sr.ª D. Maria Joana Perdigão Queiroga, foi juntamente com a unica filha, Maria Tereza, nascida desse matrimonio, que a esposa amantissima tratou o enfermo com desvelado carinho e quem ele encontrou, nas horas mais aflitas, o linitivo para o seu atroz sofrimento. Merecem, por isso, as duas desveladas enfermeiras todo o respeito daqueles que hoje pranteiam o glorioso tribuno da Democracia com o coração enlutado por tão grande perda.

Os ultimos momentos do Apostolo

Antonio José de Almeida sentira-se ultimamente peor dos seus antigos padecimentos. Mas não era de esperar tão rapido desenlace, que veio a darse ás 2 horas e meia da manhã de 31 de outubro. A sua agonia, dizem, foi prolongada, sofrendo horrorosamente desde a vespera, ao caír da tarde. Sua esposa, sua filha, seu irmão, pessoas da sua intimidade acorridos á casa do enfermo tiveram o doloroso pressentimento de que a vida lhe fugia hora a hora, minuto a minuto. A alturas tantas, Antonio José de Almeida, que raciocinou sempre limpidamente, falando com toda a consciencia, disse á esposa:

— Vou morrer esta noite! Peço-te um favor ainda. Quando fechar meus olhos, põe-me dois cobertores bem quentes, bem aconchegados na cama. Quero, por fim, dormir em paz uma grande noite, ao cabo de tantas e tantas noites de tortura.

Mais tarde fez esta declaração maior e mais impressionante:

— Poucos minutos me restam de vida. Morro cristão, mas não catolico. Morro sem odios. E perdôo a todos os meus inimigos, porque morro inteiramente em paz com a minha consciencia.

Recomendou instantes depois, tambem a sua mulher, já com voz baça, que o resto da sua vida inteiramente a devotasse ao amparo de sua filha, enlevo do seu coração. Que a tornasse digna do seu nome.

E numa ultima palpitação de nervos:

— Vejam que horas são...

— Duas horas e meia, certas.

E exalou o derradeiro suspiro. Estava terminado o seu doloroso sofrimento.

Frente a frente

ARTIGO DO DR. A. ROQUE FERREIRA

Vêr o proximo numero

As condolencias

Ao alvorecer da manhã para todos os recantos de Portugal fôra transmitida a noticia da morte de Antonio José de Almeida, que nos surpreendeu pelas 9 horas quando trabalhavamos na parte do jornal que costuma ficar pronta á quinta-feira. Verdadeiramente contristados, visto não esperarmos pela desagradavel comunicação, telegrafámos logo á sr.ª D. Joana Queiroga de Almeida os pêsames de *O Democrata*, que possivelmente podiam ser egualados em sentimento, mas não excedidos. Deviamos ter sido dos primeiros entre as dezenas de milhares de despachos dirigidos á inconsolavel viuva e mais familia do inolvidavel caudilho da Republica.

Luto nacional

O Governo, logo que teve conhecimento da morte do grande português, reuniu extraordinariamente, resolvendo decretar luto nacional e que o enterro do ilustre extinto fosse a expensas do Estado. Em tal conformidade todos os edificios publicos conservaram nas sacadas a bandeira nacional arvorada a meio pau, manifestando se por igual forma as agremiações republicanas e ainda muitas sociedades de recreio.

O funeral

constituiu uma autentica apoteose

Depois de muitas centenas de milhares de pessoas de todas as categorias sociais, incluindo mulheres e crianças, terem passado, em verdadeira romagem, ante a urna do querido morto, exposta numa das salas da sua casa, na Rua Antonio Augusto de Aguiar, efectuou-se na tarde de sabado o enterro, que foi civil, e no qual se encorporaram desde o chefe do Estado até ao mais humilde dos plebeus. As tropas da guarnição formaram em parada e pelas ruas do trajecto até ao cemiterio do Alto de S. João era tanta a gente, que mal se podia romper. Dizem os diarios que nunca em Lisboa se presenceou uma coisa assim, computando o numero de pessoas que acompanharam á ultima morada os restos do homem que tanto se notabilisou e em tudo foi grande, em mais de 300.000!

Era já noite quando o corpo chegou ao seu destino. E fazendo uma paragem, o presidente do ministerio, sr. general Ivens Ferraz, com voz timbrada, disse:

Venho aqui, em nome do Governo da Republica, associar-me a esta manifestação de derradeira homenagem prestada ao antigo Chefe do Estado, essa grande figura moral que foi Antonio José de Almeida.

O homem eminente que acaba de entrar na eternidade, morreu em paz com a sua consciencia. Foram de perdão as suas derradeiras palavras dirigidas aos inimigos, que não tinha.

Na sua alma bondosa, a fé inquebrantavel que o distinguia, a rectidão do seu caracter, criaram em volta dele uma auréola de respeito e de veneração que tem justificada a grandiosidade desta sentida manifestação.

A sua eloquencia vigorosa, esmagadora, e o poder irresistivel que sabia imprimir ás suas palavras, fizeram entrar a Republica no coração do povo, que por isso mesmo pranteará no dia de hoje a morte do devotado cidadão.

Que o seu exemplo de isenção e o seu grande amor pela Republica—sua filha dilecta—possa servir de estimulo aos que cá ficam congraçando-nos numa grande obra de resurgimento nacional, obra de todos nós.

Não podia o Governo da Republica deixar de tomar parte na sentida homenagem que hoje a Nação presta ao antigo Chefe de Estado, ao grande português e ao grande republicano que ao bem da Pátria, que lhe foi tão querida, dedicou o melhor do seu esforço e do seu saber.

Em nome do Governo da Republica Portuguesa quero, pois, exprimir, nesta hora angustiosa, a minha mais profunda consternação pela grande perda que a Nação acaba de sofrer.

Não falando mais ninguem, o feretro é conduzido então para o jazigo onde dá entrada. Mas quando de sobre ele é retirada a bandeira que serviu na Rotunda em 5 de Outubro de 1910 dentre o povo, que se comprime, alguem brada:

— Viva a Republica!

Ao que a multidão corresponde com delirio, porque foi a Republica a causa de muitos sacrificios de Antonio José de Almeida, a Republica que desde a mocidade o arrebatou e pela qual se bateu toda a vida para... morrer pobre, mas honrado.

Viva a Republica!

* * *

O Democrata fez se tambem representar no grandioso cortejo que acompanhou o inolvidavel e sempre chorado paladino da nossa causa pelo colega do *Diario de Lisboa*, sr. Carlos Freire, a quem agradecemos o obsequio solicitado telegraficamente.

* * *

Alem doutras manifestações de sentimento a que deu origem a morte do eminente homem publico, em Aveiro houve a do comercio que, convidado pela respectiva associação, encerrou as suas portas das 15 á 16 horas de sabado em sinal de luto.

José Relvas

Com diferença de horas, apenas, tambem deixou de existir na sua casa da Quinta dos Patudos, em Alpiarça, o companheiro de Antonio José de Almeida na propaganda republicana, sr. José Relvas.

Alma de artista, liberal convicto e espirito dos mais esclarecidos, José Relvas, era igualmente uma das figuras de maior prestigio da Republica, que serviu com toda a dedicação desde o dia em que da varanda da Camara Municipal de Lisboa, em 5 de Outubro de 1910, fez a sua proclamação ao povo da capital.

Nos comicios, nas conferencias, nos congressos, nas reuniões, enfim, a que assistiu desde que publicamente se colocára, de alma e coração, a nosso lado, ao lado dos que lutavam contra a monarquia, José Relvas jámais deixou de demonstrar a sinceridade com que professava os principios democraticos, tendo, por isso, pertencido ao Directorio e desempenhado outros cargos de confiança. Acompanhou Magalhães Lima numa missão diplomatica ao estrangeiro com o fim de preparar as nações da Europa para a mudança das instituições; fez parte do governo provisorio, sobraçando a pasta das Finanças; tomou assento nas Constituintes; foi ministro junto da côrte de Espanha e em 1919, por ocasião do movimento monarquico do norte, organisou gabinete, ao qual presidiu durante tres mezes, visto ter sido substituido no fim de março do mesmo ano pelo sr. dr. Domingos Pereira.

Data dessa época o ser abandonada tambem por José Rervas a politica, pois se recolheu a casa para daí em diante só se dedicar a assuntos de arte de que era eximio cultor, principalmente da musica.

Caracter integro, excelente chefe de familia e homem de vasta cultura, com José Relvas não desaparece só o republicano de prestigio e de fé, o liberal convicto, o espirito esclarecido e conciliador. Não desaparece só o artista, o aristocrata, o lavrador, porque desaparece igualmente um dos grandes modelos da Democracia Portuguesa.

E a prova-lo fica a grandiosidade do seu funeral realisado no domingo, civilmente, conforme determinação expressa, pois foi dos mais extraordinariamente concorido na vasta região de Santarem, ora enlutada com o desaparecimento de um dos seus filhos mais dilectos.

José Relvas tinha 71 anos, e não deixa descendentes, motivo por que a sua grande fortuna deve ser distribuida, depois da morte da esposa, por numerosas casas de beneficencia e hospitais, ficando a Camara de Alpiarça encarregada de construir nos terrenos da Quinta dos Patudos, que não poderá mudar de nome, tres asilos: um para velhos, outro para velhas e um terceiro para crianças.

Bem hajam os que assim procedem. E honra aos que, sendo republicanos, dão tão nobres exemplos de altruismo.

Baroneza da Recosta

Nesta cidade e ao cabo de longo sofrimento, faleceu no domingo a sr.ª D. Maria Tereza de Faria e Melo (Baroneza da Recosta) che há muito retida no leito em virtude de uma pertinaz doença que a torturava.

Senhora de esmerada educação e elevados dotes de espirito, foi um dos ornamentos mais distintos da primeira sociedade aveirense onde se destacou pela sua belêsa no tempo em que muitas belêsas naturais havia nesta cidade. Era filha unica do sr. Carlos Faria e Melo, mais tarde Barão de Cadoro, e da sr.ª D. Maria Tereza e Melo e neta dos viscondes de Barreiro.

A saudosa extinta, que contava 58 anos de idade, nasceu em Lisboa, onde residiram seus pais. Viveu tambem com eles alguns anos em Madrid e Paris até que, vindo fixar residencia em Aveiro, aqui casou com o distinto *sportmen* Mario Duarte, actual inspector de finanças do distrito, de cujo matrimonio existem tres filhos: Mario Duarte, vice-consul de Portugal em La Guardia, Carlos Julio Duarte e Francisco Duarte.

O titulo da bondosa senhora, que era prima direita dos condes do Bomfim e irmã do actual Barão de Cadoro, tenente-coronel de cavalaria, proveio da posse dumas vastas propriedades que possuia na povoação da Recosta, concelho do Barreiro, onde hoje se encontra a importante fabrica alemã de Herold & C.ª.

Com a morte da sr.ª Baroneza da Recosta perdem os pobres uma verdadeira amiga e desvelada protectora, não sendo menos de notar a sua falta no meio em que vivia por ter creado uma atmosfera de respeitosa admiração, impondo-se pela sua simpatia, pela sua lhaneza, pela sua afabilidade para com todos e ainda pelo seu fidalgo acolhimento.

A' casa da falecida chegam constemente numerosos telegramas, cartas e bilhetes de todos os pontos do país e do estrangeiro onde a fatal noticia chegou célere, tendo sido o funeral da sr.ª Baroneza da Recosta um dos mais concorridos que nos ultimos tempos se teem realisado entre nós.

A chave do feretro foi entregue ao sr. Marquês da Graciosa e desde o palacête da ilustre extinta até o cemiterio oriental organisaram-se os seguintes turnos:

1.º

Dr. Henrique Paz, coronel Carlos Guimarães, Viscande da Granja, Major Costa Cabral, F. Cristo e dr. José Tavares.

2.º

D. Maria José Ferreira Pinto Basto, D. Maria da Luz Sachetti, D. Maria Clementina Pinto Basto Calheiros, Madame Abilio Barreto e mais duas senhoras de que não conseguimos saber os nomes.

3.º

Tenente coronel dr. Manuel Rodrigues da Cruz, Major Joaquim Geraldes, Major Cunha e Costa, Joaquim Ferreira de Oliveira, Capitão Jorge Pedreira e Frausciscó da Silva Rocha.

4.º

Comanaante da Aviação, dr. Jaime Duarte Silva, General Péres, Jacinto Agapito Rebocho, Luis José Maltez e Tenente Jacinto Monteiro Rebocho.

5.º

Lino da Silva Marques, Casimiro Ferreira da Cunha, dr. José Rodrigues dos Anjos, dr. Manuel de Vilhena, José Maria Bandeira e dr. José de Azevedo.

6.º

Representantes do Recreio Artistico, Club dos Galitos, Club Mario Duarte, Sport Club Beira-Mar, Associação Dramática de Aveiro e Club dos Caçadores.

7.º

Dr. Custodio Patena, dr. Antonio F. Duarte Silva, dr. Abilio Barreto, dr. Fernando Moreira, dr. Querubim do Vale Guimarães e S. Magalhães.

8.º

Barão de Cadoro (Carlos), dr. Alvaro Sampaio, Nuno Pinto Basto, Mario Duarte (filho), Teodoro Pinto Basto e Nuno Cadoro.

Muitos ramos de flores e corôas com sentidas dedicatorias foram colocadas sobre o ataúde da virtuosa senhora, que ficou depositado em jazigo de familia, moradada dos seus maiores.

Ao nosso velho amigo Mario Duarte e a seus filhos, para quem não temos neste momento frases de conforto que possam suavisar a dôr em que se acham mergulhados, pedimos que aceitem como sinceras esta duas frivolas palavras—sentidos pêsames.

Elisio de Melo

Era uma das figuras mais representativas do Porto na politica e no comercio e que a morte ceifou esta semana, abrindo um profundo vacuo na falange republicana daquela cidade.

Pertenceu a uma das vereações que maiores serviços prestou ao velho burgo e por assim ser ninguem faltou ás ultimas homenagens que lhe foram prestadas em sinal de reconhecimento

Da Terra Nova

Entraram no nosso porto os primeiros navios da frota bacalhoeira, que se encontram já á descarga em frente das respectivas secas. Foram eles os lugres *Cruz de Malta*, *Ernani* e *Silvina*, da empresa Testa & Cunhas, Lda.; *Santa Joana*, da Empreza de Pesca de Aveiro, Lda.; *Turuna*, de Antonio Nunes Agra & C.ª; *Celestina Duarte* e *Alzira*, da Sociedade de Navegação e Pesca, Lda.

Teatro Aveirense

CINEMA

Domingo, 10

O crime do Sol

Super-produção americana. A acção passas-se num forte militar, em pleno deserto, um conflito cheio de angustia e desespero em que se debate a alma duma mulher numa interminavel paisagem de areias e debaixo do dominio violento do sol.

Segunda-feira, 11

Todos irmãos

Film sensacional em 9 partes, em extraordinaria sessão promovida pela *Agencia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra* em comemoração do Armisticio e em homenagem da Guarnição Militar á cidade de Aveiro.

Executará durante o espectaculo um escolhido reportorio a banda de infantaria 19.

Terça-feira, 12

A Princêsa do Circo

Deliciosa comedia cuja acção decorre na Russia do tempo do Czar.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: ámanhã, o inteligente Lino Romão; no dia 11, a menina Maria Ermelinda de Melo Picado, filha do sr. Firmino Picado e o sr. Eugenio Guimarães; em 13, a sr.ª D. Maria Augusta Duarte de Carvalho e seu marido Francisco Maria de Carvalho Branco e em 14, a sr.ª D. Auzenda Testa, irmã do sr. João Rodrigues Testa.

— Tambem na terça-feira festeja as suas 16 encantadoras primaveras a simpatica Fernandinha, dilecta filha do escultor Romão Junior.

Parabens.

Casamentos

Realisou-se quarta-feira na igreja de Cedofeita, no Porto, o enlace matrimonial da sr.ª D. Primavera Mafalda, com o sr. Henrique Clemente Barbosa.

Paraninfaram, por parte da noiva, o sr. dr. Alberto Souto e esposa e pelo noivo os srs. Pedro Lamy da Costa Reis e D. Celta Lima.

Durante a cerimonia fez-se ouvir a magnifica orquestra do Salão Olimpia, que, em homenagem ao noivo, gentilmente se ofereceu para abrilhantar esse acto.

Seguiu-se um fino copo de agua em casa do noivo, a que assistiram cerca de 50 convidados, brindando-se pela felicidade dos noivos, que seguiram para Lisboa em viagem de nupcias.

Na corbeille numerosas e lindas prendas.

A' noiva, que aqui viveu alguns anos, praticando a caridade em larga escala, possuindo uma grande elevação de sentimentos, assim como ao noivo, apetecemos um largo e risonho futuro.

Partidas e chegadas

Com curta demora esteve em Aveiro o sr. dr. João de Almeida, ilustre coronel do Estado Maior, residente em Lisboa.

—Por ter sido colocada na escola da Fonte de Angirão (Vagos) já para ali seguiu esta semana a gentil professora D. Maria Julia de Barros Bacelar.

— Visitou-nos no domingo o sr. Joaquim Rodrigues de Oliveira, de Veiros e que actualmente reside em Valinha (Monsão).

— Com sua esposa e a acompanhar a convalescença de uma filhinha, encontra-se nesta cidade o nosso presado amigo dr. José Cardoso.

Promoções

Por terem sido promovidos a alferes felicitamos os srs. Manuel José Domingues Peres e Jaime Sabino, os quais devem seguir para Braga e Eivas, respectivamente.

BAILE

E' hoje á noite que no salão nobre do *Recreio Artistico* se realiza a anunciada *soirée* promovida por uma comissão de sócios e que promete ser animadissima.

Abrilhanta-la-há a *Banda Amisade.*

Necrologia

Faleceram nesta cidade: Benedita Ferreira da Fonseca, de 50 anos, solteira, vitimada por uma lesão cardíaca; Guilhermina Rosa de Jesus, de 75 anos, tambem solteira e Maria Augusta Nunes da Maia—a *Tenaz*—de 70 anos, casada, antiga vendedeira de fruta, natural de Ilhavo.

Atenção para a 4.ª pagina.

Concurso medico

A Comissão Administrativa da Camara Municipal do Concelho de Vagos faz publico que se acha aberto concurso, por espaço de 30 dias, contados da publicação deste no *Diario do Governo*, para provimento do logar de medico do partido municipal de Sôza, com séde em Ouca, com o vencimento e melhoria de 450$00 mensais e pulso sujeito á tabela municipal.

Os concorrentes deverão apresentar dentro do referido praso os seus requerimentos legalmente instruidos.

Paços do Concelho de Vagos, 1 de novembro de 1929.

O Presidente,
MANUEL DOS SANTOS COSTA

Bom emprego de capital

No proximo dia 17 de Novembro, pelas 14 horas, serão vendidos em praça particular e nos proprios locais, os seguintes predios:

Dois armazens com terreno anexo sitos junto á estação das Quintans;

Um terreno com pouco mais ou menos 10 alqueires de semeadura, com poço, regadeiras, eira e casa da eira e bastantes arvores de fruto, tudo murado, sito tambem proximo á estação das Quintans.

Para informações dirigir a João Ferreira dos Santos, nas Quintans ou a Livio Salgueiro, em Aveiro.

Tribunal da Comarca de Aveiro

Arrematação

1.ª publicação

No dia 17 do proximo mez de Novembro, pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, na execução de sentença da acção sumária que Pompeu de Melo Cardoso, solteiro, medico, de Aveiro, moveu contra Antonio Gonçalves Martins, lavrador em São Bernardo, e Joaquim Martins, lavrador, da Oliveirinha, se ha de proceder á arrematação em hasta publica, em segunda praça, a fim de serem entregues a quem maior lanço oferecer acima de metade das suas respectivas avaliações, os seguintes predios:

O direito e acção que o executado Joaquim Martins, tem a metade de um ribeiro e terra lavradia, no sitio do Lameirinho, limite de Vale Diogo, freguesia da Oliveirinha, avaliado na quantia de escudos 1.200$00, vai á praça por 600$00;

Uma morada de casas terreas, com aido lavradio, e pertenças, sita no logar do Marco, freguesia da Oliveirinha, avaliada na quantia de 35.000$00, e vai á praça por 17.500$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assisterem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 14 de Outubro de 1929.

Verifiquei.

O Juiz e Direito

Artur Valente

O escrivão do 2.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo

Tribunal da Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

Por este Juizo e cartorio do quarto oficio, Flamengo, no processo de execução por custas e selos, por apenso ao inventario orfanologico por obito de Antonio Rodrigues da Bela, viuvo, lavrador, que foi morador em Sarrazola, freguesia de Cacia, em que é exequente o Ministerio Publico e executado Manuel Rodrigues da Bela, solteiro, maior, auzente em parte incerta, vão á praça no dia 17 de Novembro proximo, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na Praça da Republica, desta cidade, para serem arrematados por quem mais oferecer acima da sua avaliação, preço porque vão á praça os seguintes predios penhorados ao executado:

Metade de uma terra lavradia, pertenças e direitos, sita na Quinta da Aranha, limite de Sarrazola, no valor de 965$00; e

Uma setima parte de um leirão que produz junco, pertensas e direitos, sita no local denominado Pricos, limite de Vilarinho, no valor de 80$00.

Todas as despezas da praça serão por conta do arrematante e a contribuição de registo por titulo oneroso será paga nos termos da lei.

Pelo presente são citados todos e quaisquer credores incertos que se julguem interessados na aludida arrematação, para nela virem deduzir todos os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 27 de Outubro de 1929.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Artur Valente

O escrivão do 4.º oficio

João Luiz Flamengo

Novo MAPA ESCOLAR DE ANGOLA

para o ensino de corografia na escola primária, coordenado por Armando Teles, inspector escolar em Loanda.

A' venda na livraria de João Vieira da Cunha—Aveiro.

Tribunal da Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

No dia 17 de Novembro proximo, por 12 horas, á porta do Tribunal e na execução por custas que o Ministerio Publico move contra Vitoria Rodrigues Quintaneira, viuva de Antonio Rodrigues Miranda, moradora em Sarrazola, freguesia de Cacia, vai á praça, para ser arrematada:

Uma terra lavradia, sita na Cancela, logar de Sarrazola, freguesia de Cacia, avaliada em 8.100$00.

Por êste meio são citados quaisquer credores incertos, para uzarem dos seus direitos.

Aveiro, 14 de Outubro de 1929.

Verifiquei.

O Juiz de Direito

Artur Valente

O escrivão,

Francisco Marques da Silva

Juiso Criminal da Comarca de Aveiro

Editos de 45 dias

1.ª publicação

Por este Juizo correm editos de 45 dias a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio, notificando o reu Antonio Mendes da Vareira, morador que foi na Quinta do Picado, freguesia de Aradas, desta comarca, mas ausente em parte incerta, para no praso de 40 dias, findo que seja o dos editos e nos termos do art. 567 do Codigo do Processo Penal, se apresentar neste Tribunal, afim de assistir a todos os demais termos do processo e ser julgado na querela que contra ele promove o Ministerio Publico pelo crime dos artigos 349 e 34 n.º 13 do Codigo Penal, com a cominação de que, não se apresentando nesse praso, seguirá o processo á revelia sem nenhuma outra notificação, podendo ser preso por qualquer pessoa do povo e devendo-o ser por qualquer oficial de justiça ou agente da autoridade para ser entregue em Juizo.

Aveiro, 31 de Outubro de 1929.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Couto Brandão

O escrivão do 1.º oficio

Antonio Augusto dos Sontos Victor

A fechar

Na Arcada passa uma mulher lindissima mas desconhecida na terra. O amigo Borges faz uma grande chapelada. A mulher pára e pregunta-lhe:

— Você conhece-me?

— Não, minha senhora, mas contudo V. Ex.ª é de se lhe tirar o chapeu...

"O Democrata,,

ASSINATURAS
(Pagamento adeantado)

Portugal (ano)	20$00
Semestre	10$00
Colonias (ano)	30$00
Estrangeiro (ano)	40$00
Numero avulso	$30

ANUNCIOS

Na 1.ª pagina, linha	1$00
Na 2.ª » »	$80
Na 3.ª » »	$50

Permanentes, contracto especial.

Contagem pelo linometro corpo 8.

Comunicados (linha).... 1$00